



Hiperactividade infantil está a aumentar

Os casos de hiperactividade infantil estão a aumentar. Uma investigação que envolveu 500 crianças de todo o país com queixas de hiperactividade, realizada pelo Instituto da Inteligência, revela que 57% das causas estão relacionadas com o meio de vida familiar e o estilo de vida dos pais e 43% com a escola e o stress.

Pais com profissões altamente exigentes, com pouca disponibilidade para dar atenção aos filhos, mas também o excesso de tempo em actividades escolares e de trabalhos de casa e o centralizar das brincadeiras nos jogos electrónicos e cada vez menos em espaços exteriores, são alguns dos factores que estão na origem da hiperactividade infantil. Os dados são divulgados pelo Instituto da Inteligência, um organismo privado de investigação e serviços de Psicologia Educacional e Clínica.

A hiperactividade infantil é uma perturbação de instabilidade da qual resultam comportamentos como a dificuldade de atenção, distração permanente ou a impulsividade e que dificultam as aprendizagens escolares e o relacionamento da criança com os outros. Esta perturbação resulta de tensões acumuladas. Daí que ao exteriorizar a sua "energia nervosa" a criança esteja também a evitar que ela fique suprimida e provoque danos maiores.

No entanto, nem sempre a habitual "agitação" da criança requer preocupação. "É necessário entender que a sensibilidade na infância é feita de alguma agressividade e hiperactividade necessárias ao desenvolvimento da personalidade, refere o Instituto de Inteligência em comunicado. O alerta para a possibilidade de a criança sofrer de uma hiperactividade que requeira intervenção deve soar "só quando a manifestação desses comportamentos ultrapassa certos limites do tolerável."

Cativar para vida escolar

Distúrbio de concentração e atenção (hiperactividade) e défices cognitivos ou atrasos globais no desenvolvimento foram alguns dos problemas detectados em crianças em idade escolar e que foram alvo do projecto "Caixa Pandora", levado a cabo pela Associação Integrar.

O projecto, que termina no fim deste mês, teve início em Dezembro de 2002 e envolveu cerca de 80 crianças com insucesso escolar, desfavorecimento económico e social, situações de risco, práticas de mendicidade ou vadiagem, vítimas de negligência passiva ou activa e com baixo nível de auto-estima e autoconfiança.

O "Caixa Pandora" teve como área de intervenção as freguesias de Almedina, Santa Cruz, São Bartolomeu, Sé Nova e Santa Clara.

Em declarações ao JN, Liliana Simões, coordenadora do projecto, explicou que os objectivos passaram por cativar a criança para a continuação do percurso escolar, proporcionar condições para o desenvolvimento da sua personalidade, promover a educação e prevenir comportamentos de risco.

A mesma responsável adiantou que, para além das problemáticas individuais das crianças, foram detectados problemas no meio sócio-familiar, entre os quais a inexistência de referências positivas ao nível dos parentes mais próximos, meios familiares de risco (nomeadamente com consumo de substâncias psicotrópicas, prostituição, criminalidade), desinvestimento na manifestação dos afectos, grupos de referência com práticas de risco, além de carências socioeconómicas graves.

Joaquim Almeida

